

SOCIOLOGIA E CINEMA: O USO DO AUDIOVISUAL NA APRENDIZAGEM DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

SOCIOLOGY AND CINEMA: THE USE OF AUDIOVISUAL IN THE LEARNING OF SOCIOLOGY IN THE HIGH SCHOOL

Luiz Gustavo Ferri Rachetti¹
Gilmar Santana²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir as possibilidades de diálogo das imagens audiovisuais com as propostas conceituais para a área de Sociologia, abordados nas Orientações e nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Ao mesmo tempo em que a imagem se faz presente no cotidiano dos jovens na atualidade, o visual se torna cada vez mais documento e instrumento na leitura sociológica dos fatos e fenômenos sociais. Inspirado nas obras de Raymond Williams, Marcel Martin, Pierre Sorlin e José de Souza Martins, este trabalho busca entender como uso da imagem no universo da Sociologia motiva novas formas de indagações, dúvidas e experimentos que enriquecem o conhecimento produzido por essa ciência e ampliam a consciência de sua importância. Este estudo foi realizado com estudantes do Ensino Médio de uma escola pública do

Rio Grande do Norte e buscou, dentro das perspectivas de Paulo Freire e Edgar Morin, direcionamentos para alternativas pedagógicas que possibilitassem a utilização das imagens no cotidiano escolar. O método utilizado foi a pesquisa qualitativa que, através da inserção gradual das imagens e das discussões que aconteceram durante as reuniões, proporcionou o aparecimento e desenvolvimento de temáticas sociológicas. Os resultados foram pautados no discurso dos alunos e na produção de um curta-metragem para demonstrar o processo de entendimento nas temáticas sociológicas. Sob o ponto de vista do pesquisador, os jovens que participaram do trabalho compreenderam, de uma maneira simples, a leitura de imagens e a linguagem cinematográfica, e construíram argumentos e propostas de intervenção no seu ambiente escolar.

Palavras-Chave: Audiovisual; Sociologia; Ensino Médio.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor da Educação Básica do RN.

² Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, doutor em Sociologia pela USP, ex-editor da *Cronos*.

ABSTRACT

This work aims to discuss the possibilities of dialogue between audiovisual images and conceptual proposals addressed in the National Curriculum guidelines of High School for the area of Sociology. Considering that the image is present in the daily life of youth, the visual becomes increasingly document and tool in sociological reading of the facts and social phenomena. Inspired by the works of Raymond Williams, Marcel Martin, Pierre Sorlin and José de Souza Martins, this study aims to understand how the use of image in the universe of Sociology opens a wide field of inquiries, questions and experiments that enrich the knowledge produced by this science and broaden awareness of their importance. This study was conducted with students from one public High School of Rio Grande do Norte and, based on the perspectives of Paulo Freire and Edgar Morin, searched directions for pedagogical practices that would enable the use of images in everyday school life. The method used was the qualitative research that, through the gradual insertion of images and discussions during the meetings, provided the appearance and development of sociological themes. The results were based on both speech of the students and the production of a short film to demonstrate the learning process in sociological themes. According the point of view of the researcher, the students were able, in a simple way, to visualize images and

comprehend cinematographic language, and built arguments and proposals for intervention in their school environment.

Keywords: Audiovisual; Sociology; High school.

INTRODUÇÃO

No contexto educacional brasileiro, há a consciência de que levar a tradição sociológica clássica aos estudantes do Ensino Médio exige um esforço de tradução e de adequação aos interesses ou à sensibilidade do jovem contemporâneo não apenas da linguagem, mas também das sugestões de leitura e exercícios. Nesse sentido, a concepção da utilização do audiovisual como recurso didático se transforma numa ferramenta útil e de possível transição entre os conceitos formais e as observações cotidianas.

Como a intenção do presente estudo foi buscar a importância da utilização das imagens como instrumentos para a ampliação das práticas pedagógicas no ensino de Sociologia, foi necessário averiguar a utilização das imagens no universo da Sociologia em trabalhos prévios como os de José de Souza Martins (2009) e Ana Lúcia Lucas Martins (2007). De acordo com Martins (2009), a imagem, constitutiva da realidade, é objeto e sujeito de análises sociológicas, devendo ser incorporada como técnica de investigação. Para ele,

na relevância das análises da Sociologia fenomenológica³ o visual se torna cada vez mais documento e instrumento indispensável na leitura sociológica dos fatos e fenômenos sociais, e a imagem possibilita a abertura de um leque de indagações, dúvidas e experimentações na Sociologia.

A busca de uma ligação entre a narrativa fílmica, os saberes da disciplina de Sociologia e os estudantes do Ensino Médio ocorreu porque o cinema, entre os outros meios de expressão culturais, aparenta ser o mais próximo do cotidiano dos estudantes pelo fato de sua linguagem funcionar, muitas vezes, como uma reprodução fotográfica da realidade. Basta notar a grande proliferação de vídeos feitos pelos dispositivos móveis, de uso comum dentre os adolescentes.

A originalidade da linguagem cinematográfica advém, essencialmente, de sua onipotência fulgurante e evocadora, de sua capacidade única e infinita de mostrar o invisível tão bem quanto o visível, de visualizar o pensamento justamente como vivido, de lograr a penetração do sonho e do real, do impulso imaginativo e da prova documental, de ressuscitar o passado e atualizar o futuro, de conferir a uma imagem fugaz a capacidade de impregnar e persuadir mais do que o espetáculo do cotidiano é capaz de oferecer. (MARTIN, 2013).

Segundo Martin (2013), a linguagem do cinema funciona como uma fotografia da realidade, pois são os seres e as próprias

coisas que aparecem e falam, dirigem-se aos sentidos, às relações sociais e à imaginação: à primeira vista, parece que toda representação (*significante*) coincide de maneira exata e unívoca com a informação conceitual que vincula (*significado*). E a ambiguidade na relação existente entre o objeto real e a imagem fílmica, que é uma das características fundamentais da expressão do cinema, e em grande parte determina a relação do espectador com o filme também foi discutido neste trabalho.

A imagem, por ser resultado de um dado contexto histórico, não reproduz a realidade, ela a reconstrói a partir de uma linguagem própria. O filme é um modo de compreender comportamentos, visões de mundo, valores, identidades e ideologias de uma sociedade. Uma forma de lidar com essas representações é a articulação do contexto histórico e social que o produziu com um conjunto de elementos intrínsecos à própria linguagem cinematográfica (montagem, enquadramento, movimentos de câmera, iluminação, cor, etc). É uma construção sobre a realidade que articula palavra, som, imagem, movimento, e não o reflexo do real, mas sua representação.

No contexto do processo de ensino-aprendizagem, ao professor cabe a tarefa de não impor interpretações e, sim, fomentar as comparações e diálogos, pois a imagem trabalhada cognitivamente aumenta a intensidade do olhar e a qualidade da imaginação resultante do conhecimento, da consciência, do ver e do saber.

³ Para a sociologia fenomenológica, as realidades sociais são constituídas nos significados, identificados ao se mergulhar na linguagem significativa da interação social, sendo a linguagem, as práticas e as coisas, inseparáveis neste tipo de abordagem. SCHNEIDER, Jacó Fernando; CAMATTA, Marcio Wagner; NASI, Cíntia. O trabalho em um Centro de Atenção Psicossocial: uma análise em Alfred Schütz. **Revista gaúcha de enfermagem**. Porto Alegre. Vol. 28, n. 4 (dez. 2007), p. 520-526, 2007.

Para se lidar com textos visuais é necessário, não somente um aprendizado terminológico de leituras de mensagens visuais, mas também de conhecimento prévio do assunto tratado e reflexão acerca da natureza das imagens.

Os alunos, por sua vez, não são meros receptores de conteúdos prontos. Suas redes e experiências sociais devem ser exploradas pelos professores a fim de tornarem as aulas mais dinâmicas e interativas. Mesmo quando houver necessidade de exposição de conteúdo pelo professor durante a aula, a expectativa é que ela se converta em diálogo, em possibilidade de troca e não monólogo. Nesse processo, os estudantes são convidados a explicitar suas interpretações pessoais sobre o mundo e a exercitar a imaginação sociológica⁴, que capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhes levar em conta como indivíduos, na agitação de sua experiência diária, a adquirirem uma consciência falsa de suas posições sociais. Consiste, em grande parte, na capacidade de passar de uma perspectiva a outra, e no progresso estabelecer uma visão adequada de uma sociedade total de seus componentes. (MILLS, 1980).

Assim, um curta-metragem pode ser usado para motivar um debate e levantar pontos importantes a serem tratados na exposição de conteúdos: o aluno traz sua contribuição, exerce a reflexão, faz críticas e ao mesmo tempo aprende aquilo que desconhece. A aula se desenvolve sem um centro único (o professor), e o aluno torna-se mais ativo, possibilitando assim, mediado pela utilização de imagens, o desenvolvimento da imaginação sociológica.

O uso do audiovisual em sala de aula não tem como propósito a busca de correspondência entre fatos e representações imagéticas. Os filmes são um modo pelo qual pessoas, no caso, cineastas, expressam suas ideias, concepções de mundo sobre temas, problemas da realidade, gerando um outro modo de conhecer que é dado através da maneira como as sociedades se produzem visualmente. Vale dizer que a realidade aparente na tela não é, jamais, totalmente neutra, mas sempre o signo de algo mais, num certo grau, é uma dialética de significante-significado.

⁴ Segundo Mills, “A imaginação sociológica permite ao possuidor compreender o cenário histórico mais amplo quanto ao seu significado para a vida interior e para a trajetória exterior da diversidade de indivíduos. Ela lhe permite ter em conta como os indivíduos, no tumulto da experiência cotidiana, estão com frequência falsamente conscientes de suas posições sociais. [...] A imaginação sociológica nos permite captar a história e a biografia e a relação entre ambas na sociedade.” MILLS, Wright C. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. Quer dizer que a imaginação sociológica permite ao indivíduo relacionar sua biografia com a realidade histórico-social, olhando o mundo e as pessoas de uma nova forma, para além do comportamento humano, se conscientizando da necessidade de uma análise crítica e reflexiva da sociedade.

O AUDIOVISUAL NA SALA DE AULA

Nas últimas décadas ocorreu um aumento no número de publicações brasileiras problematizando os diferentes usos das imagens na produção do conhecimento, a apropriação de imagens nas ciências sociais e a formalização de disciplinas dentro das áreas da Sociologia e da Antropologia apontando para esse campo de reflexão (MARTINS, 2007). O presente trabalho procurou debater sobre temáticas abrangendo desigualdades sociais, sexualidade, evasão escolar, status social, meios de comunicação de massa, preconceito e discriminação social e étnico-racial, violência juvenil, classes sociais, estratificação social e organização do espaço urbano. Os debates dessa relação entre as ciências sociais e a imagem podem ser envolvidos em diferentes questões e dimensões. Neste trabalho, optamos por observar a possibilidade de utilização do audiovisual no ensino de Sociologia no Ensino Médio.

Um balanço feito nas três últimas décadas com significativas produções verificou um interesse grande em explorar as representações visuais no campo das ciências humanas, despertando abordagens sobre a natureza das imagens e a maneira de ver e pensar através delas. Todavia, em contrapartida, diagnosticou-se um processo de banalização do uso das imagens no campo do conhecimento, proporcionando sua naturalização nos contextos da pesquisa e do ensino, dificultando construções de problemáticas sociológicas. E essa banalização se pauta na crença de que as imagens fotográficas, fílmicas, televisivas ou informáticas têm o poder do realismo, a capacidade

de fornecer um modo de ver os acontecimentos com um sentimento realista, seria a “força da evidência” (MARTINS, 2007).

Pensando na mesma direção, Martins (2009) acredita que a Sociologia pode encontrar grande riqueza na informação visual, porém exige cuidado para não tomar a imagem, tal qual a palavra falada, como documento social em termos absolutos porque existe a dificuldade de sua insuficiência e suas limitações.

Sociólogos e antropólogos incorporaram as imagens no arcabouço de técnicas de investigação que pressupõem como recursos técnicos equivalentes a sociedade, o verbalizável, o memorável, o escrevível e o visível. Contudo, a sociedade também se move a partir do indizível e do invisível. A imagem fotográfica, e suas variantes, no filme e no vídeo, podem substituir a próprio indivíduo na reprodução das relações sociais; a imagem é objeto e também sujeito. Quando uma imagem fotográfica é registrada por um fotógrafo, percebe-se a disparidade existente entre o que ele acredita ver e o que está lá, mas não é visível, ela é mais indício do irreal do que do real, é capaz, também, de revelar o ausente dentro do suposto, negando-se enquanto “suposição do retrato morto da coisa viva, porque é, sobretudo, retrato vivo da coisa morta” (MARTINS, 2009, p.28).

Situando-se no objetivo central deste trabalho, que é a utilização da imagem audiovisual no ensino de Sociologia para desenvolver nos alunos participantes um conhecimento básico sobre análises de imagens, uma ampliação na consciência crítica e uma possível participação nas mudanças que podem ocorrer no ambiente escolar. Baseando na perspectiva de Martins (2007), o filme pode

reconstruir a realidade num dado contexto histórico e que a destarte, seja um modo de compreender comportamentos, visões de mundo e ideologias em uma sociedade. Fruto de um imaginário, o filme não é um reflexo do real, é uma produção que age sobre imaginários e que suscita questões cotidianas a serem discutidas. Assim, o contexto social em que as imagens foram criadas e o contexto em que elas forem vistas que denotaram significado a elas.

Atualmente, existe uma relação muito forte entre imagem e ensino de Sociologia no Ensino Médio. Os livros didáticos aprovados para o PNLD⁵ de 2015 que chegaram à escola para a escolha dos professores possuíam muitas ilustrações e muitos temas interdisciplinares e transversais. Dos seis livros aprovados, apenas dois não possuíam conteúdo digital, o que demonstra a necessidade dessa adequação ao uso cada vez maior do audiovisual. Em todos foi possível observar produções fílmicas, livros e sites indicados à prática pedagógica como suportes para a ampliação da aprendizagem dos temas propostos.

Além dos obstáculos infraestruturais e de ordem organizacional das escolas (acesso, seleção de vídeos e interesse dos alunos) que acometem os professores que desejam trabalhar com audiovisual em sala de aula, se popularizou a premissa de que a utilização de vídeos e imagens serve para passar o tempo e, na maioria das vezes, não é visto como uma atividade incorporada ao currículo da instituição.

A generalização dessa premissa pode transformar trabalhos sérios, planejados e com finalidades sócio-educativas em propostas desacreditadas desde o início.

Segundo Martins (2007), os professores, além de “gostarem” de cinema, necessitam também compreender os “gostos” dos alunos para que a prática utilização do audiovisual na sala de aula não seja vista como algo “chato” e dispensável pelos jovens. Os alunos preferirão sempre os filmes que mais se aproximarem de seu “gosto” e hábito, pois se identificam com aqueles que foram produzidos com a linguagem padronizada que a televisão e o cinema comercial, sob influência da indústria cultural, criaram e difundiram. Como o filme exibido na escola, muitas vezes, contrasta com a linguagem a qual está acostumado, acaba considerando “chato” o recurso audiovisual ao qual foi submetido.

Este trabalho propõe que os docentes de Sociologia procurem referenciais teóricos que os auxiliem na construção de uma metodologia adequada para a aplicação das imagens em sala de aula. Aqui, como metodologia, as imagens foram introduzidas de forma gradativa para que, aos poucos, os discentes compreendam a sua função e se habituem ao seu uso. Os “gostos” serão gradativamente modificados à medida que os jovens percebem a correlação dos temas trabalhados em sala de aula e o que está sendo reproduzido a eles, sem que o professor necessite determinar sobre que conteúdos as imagens

⁵ Programa Nacional do Livro Didático. Programa que consiste na escolha do livro didático que é executado pelo FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

estão os direcionando. Como a duração da aula de Sociologia para o Ensino Médio está em torno de 50 minutos, um longa-metragem não seria muito viável, uma vez que haveria a necessidade de dividi-lo em duas ou mais aulas, ou fazer a seleção de algumas cenas e com isso, ocorreria perdas na compreensão e discussão do tema escolhido. A nossa sugestão para imagens fílmicas é a utilização de curtas-metragens.

Para o pesquisador, é necessário que os jovens se adaptem à linguagem audiovisual, que desenvolvam um olhar crítico diante das imagens, por isso considera que, anteriormente à utilização de curtas-metragens, os professores devem explorar o universo das imagens.

DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

O presente trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual Professor Francisco Barbosa, pertencente à 2ª Diretoria Regional de Educação, Cultura e Desportos (DIREDE) e localizada na região central do município de São José de Mipibu, região metropolitana de Natal. Esta escola recebe um público bastante heterogêneo, composto por alunos de várias áreas urbanas e rurais do município. Mesmo diante dessa heterogeneidade, a maioria dos estudantes advém de classes sociais de baixa renda.

No ano de 2009, o Governo Federal instituiu o Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI), pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, que integra as

ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como estratégia para promover a reestruturação dos currículos do Ensino Médio. O objetivo do ProEMI é apoiar e fortalecer o desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de ensino médio, ampliando o tempo dos estudantes na escola e buscando garantir a formação integral com a inserção de atividades que tornem o currículo mais dinâmico, atendendo também as expectativas dos estudantes do Ensino Médio e às demandas da sociedade contemporânea.

A Escola Estadual Professor Francisco Barbosa é uma das escolas participantes do ProEMI e um dos projetos aprovados para execução é a oficina *Curta na Escola*, que é coordenado pelo pesquisador deste trabalho e que forneceu as bases para a realização deste. O objetivo principal do projeto *Curta na Escola* é favorecer uma reflexão crítica sobre o cinema, o ambiente escolar e a sociedade brasileira trabalhando com temáticas interdisciplinares, criando a oportunidade dos alunos desenvolverem curtas-metragens passando por todo o processo de criação, pensamento e elaboração da ideia e roteiro, à execução e produção de um filme, experimentando e aprendendo na prática as possibilidades artísticas da linguagem cinematográfica.

Tendo como inspiração a oficina *Curta na Escola* e considerando a importância da análise imagética na estrutura da Sociologia, o presente trabalho estruturou-se numa análise qualitativa e na escolha de um tema sociológico que retratasse o cotidiano dos jovens da instituição escolar para ser abordado em um curta-metragem produzido pelos alunos

participantes. Seis alunos, com idade entre 14 e 17 anos, se propuseram a participar da oficina e do presente trabalho.

A este grupo de jovens foram apresentadas as propostas de trabalho, nas quais a participação do pesquisador seria a de apresentar o tema e as bases teórico-metodológicas, e aos alunos caberia a produção de curtas-metragens a partir da sensibilização ao tema.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM e ou PCN+) da Área de Ciências Humanas e suas tecnologias já sinalizam para um caminho de inovações da aplicação de conceitos interdisciplinares que ampliem, entre outros temas, a compreensão da vida cotidiana, a construção de uma visão crítica sobre a indústria cultural e valorização das diferenças.

Observando rotineiramente os intervalos das aulas, era perceptível muitas cenas de violência física, verbal, simbólica e institucional nas relações entre os alunos. Em tão curto espaço de tempo (cerca de 20 minutos) era possível ver cenas de brigas, xingamentos, depredação do patrimônio e a prática do Bullying⁶ que é muito comumente tida como “brincadeira” entre colegas. A instituição sempre se ateu a buscar sanar os casos de violência no ambiente escolar, mas uma efetiva conscientização dos alunos ainda não foi feita.

Dentre os problemas geradores da violência na escola está a falta de tolerância daquilo que difere do que é

habitualmente aceito. É possível observar certas atitudes dentro da sala de aula, por motivos banais, de incompreensão das diferenças, uma questão de alteridade. Por esses motivos foi escolhida a questão da *Intolerância* como tema para esta análise por ser muito comum nas escolas públicas e privadas.

Pode ser sugerido que a intolerância impulsiona a violência nas escolas. É possível que essa hostilidade seja um produto, um mecanismo de controle social, uma ação fundamentada em uma ideologia, que surge como uma dimensão prática dessa inflexibilidade. Desse modo, pretendemos modificar o olhar dos alunos na busca da compreensão do diferente como necessário e natural.

Primeiramente, as discussões com os seis alunos eram relacionadas ao cotidiano da escola, como o ambiente escolar era visto pelos alunos, o que poderia ser feito para melhorá-lo e como eles poderiam contribuir para essa melhoria. Os estudantes participavam com certo receio, não falavam muito e tinham respostas muitas vezes monossilábicas. Como o nosso intuito era despertar nos alunos uma consciência social mais participativa e ética no contexto escolar, era necessário que eles se compreendessem como atores dessa possibilidade de mudança.

Após uma breve reflexão sobre essas discussões, o pesquisador iniciou uma dinâmica com os alunos que consistia na apresentação de imagens (três fotografias,

⁶ O Bullying já foi tema de um curta-metragem produzido por alunos participantes da oficina Curta na Escola e que concluíram o Ensino Médio em 2013. O vídeo foi reproduzido no pátio da escola com a presença de grande parte dos alunos e desde então a temática passou a ser discutida constantemente.

duas charges, duas fotomontagens, e uma bandeira de um movimento contra a intolerância) aleatoriamente escolhidas, porém interligadas à temática da intolerância. A escolha e a sequência com que foram expostas as imagens, foi de total responsabilidade do pesquisador, acreditando ser possível, aos poucos, sensibilizar o olhar dos alunos. Após cada imagem projetada na tela, os jovens teriam que descrevê-las usando apenas uma palavra, ou seja, demonstrar o que a imagem teria representado para eles individualmente. Posteriormente, os alunos passaram a discutir sobre as imagens. O pesquisador, ao analisar as anotações, observou que violência e racismo foram as palavras mais citadas por eles.

Na reunião seguinte, os jovens assistiram a propagandas e vídeos do *Festival do minuto*⁷ para compreenderem outras técnicas de produção imagética. Os três primeiros vídeos foram sugeridos pelo pesquisador, mas os que se seguiram, foram escolhidos aleatoriamente por eles no sítio www.youtube.com. Ao final de cada vídeo os alunos diziam o que sentiam e depois o pesquisador discutia com eles algumas técnicas de produção e as sensações que eles tiveram.

Posteriormente, alguns “clássicos” do curta-metragem brasileiro também foram utilizados, como *Ilha das flores*, *BMW vermelho* e *O xadrez das cores*, além

de outros, como *10 centavos*, *Vidas no lixo* e *Um pouco mais, um pouco menos*. Aqui as discussões avançaram nos temas sociológicos, mas sempre sem a apresentação ou direcionamento prévio do pesquisador. Os participantes assistiam aos vídeos e discutiam sobre aquilo que haviam sentido ou compreendido e, em geral, ficaram mais atentos à temática dos vídeos. Isso demonstrou um resultado satisfatório, pois os alunos observaram que os temas estavam associados ao seu cotidiano e envolviam questões voltadas às relações e desigualdades sociais. Em todas as discussões o pesquisador sempre convergiu para as ideias de Martins (2009), Martins (2007) e Martin (2013) de que as imagens fílmicas não são reais, são sempre representações, por mais realistas que possam parecer.

Durante dois meses, uma ou duas vezes na semana, assistimos a diversos vídeos (cinema do minuto, curtas-metragens, longas-metragens, propagandas e documentários) que fomentavam, após as apresentações, discussões sobre as diferentes visões do enredo, o gênero, e algumas técnicas utilizadas pelos diretores e produtores, além de temas sociológicos, dentre eles a socialização, as relações sociais, a liberdade de expressão e a indústria cultural. Interessante ressaltar que temáticas interdisciplinares fizeram parte das discussões em todo o

⁷ Desde 1991, o Festival do Minuto trabalha com a seleção de imagens em movimento – de amadores e profissionais – para o exercício da síntese em trabalhos com duração máxima de 60 segundos. O Festival do Minuto foi o pioneiro no formato minuto no mundo e é hoje o maior festival de vídeos da América Latina, tendo inspirado a criação de Festivais do Minuto em mais de 50 países. [...] Hoje o Festival tem mais de 50 mil usuários cadastrados em seu site e diversos temas com premiações todo mês. Em mais de duas décadas de existência, o Festival do Minuto recebeu mais de 30 mil trabalhos provenientes de diversos países, e esse número continua crescendo a cada dia. <https://www.festivaldominuto.com.br/> acesso em 10/06/2015.

processo de apresentação e apreciação dos recursos audiovisuais.

O pesquisador percebeu que com o passar dos curtas-metragens e das discussões, os alunos se prenderam mais a questionar sobre os porquês da produção fílmica (que envolvem estudos da Sociologia da imagem) e menos às questões sociais que o vídeo apontava. Os jovens começaram a observar a utilização da imagem como imagem e as técnicas de produção fílmica (enquadramento, movimento da câmera e a edição) que foram trazidas pelo pesquisador e que se encontravam em um dos poucos textos que eles se dispuseram a ler.

De acordo com Freire (2015), os educandos realmente aprenderão o saber ensinado se transformarem-se em sujeitos da construção e da reconstrução desse saber ensinado, ou seja, aprender a pensar da maneira crítica, sendo instigados a superar o senso comum e estimulados a criar. Dessa forma, a curiosidade se torna *sine qua non* para a abertura de horizontes relativos ao ato de conhecer. Seguindo o mesmo caminho, Edgar Morin (2003) acredita que a educação deve estimular o “livre exercício da faculdade mais comum e mais ativa na infância e na adolescência, a curiosidade”, favorecendo o uso pleno da inteligência geral, com orientação para compreender os problemas da condição humana e do nosso tempo, no contexto planetário. Problemas esses que são inseparáveis ao meio ambiente – natural, econômico, cultural, social e político. “Trata-se, ao mesmo tempo, de reconhecer a unidade dentro do diverso, o diverso dentro da unidade; de reconhecer, por exemplo,

a unidade humana em meio às diversidades individuais e culturais, as diversidades individuais e culturais em meio à unidade humana.” (MORIN, 2003, p.25).

Foi perceptível, para o pesquisador, a mudança de postura da maioria desses jovens, a partir do momento que se compreenderam como sujeitos ativos da produção e perceberam que entendiam o mínimo sobre as técnicas utilizadas para a produção de vídeos. A mudança foi benéfica para as discussões que se seguiram. Os estudantes sentiram-se à vontade para discutir os vídeos, principalmente, segundo eles, por não estarem atrelados ao conteúdo formal dos livros didáticos. Por mais que fossem discutidos temas ligados à disciplina de Sociologia (envolveram também História, Geografia, Biologia e Filosofia), esses jovens não sentiram o peso de ter aprendido um conteúdo formal, mesmo o sendo, porque, segundo eles, estavam assistindo “vídeos legais, que abriam a mente” e discutindo eventos cotidianos que também eram objeto de estudo sociológico. Até aqui, o pesquisador percebeu que a utilização do audiovisual como metodologia nas práticas pedagógicas pode ser viável aos professores de Sociologia, principalmente se as imagens forem estudadas para além da temática dos vídeos, seguindo um processo gradativo de apresentação.

Depois de discussões acerca de vários temas que convergiam para os problemas que ocorriam no cotidiano da escola, passamos a debater os temas relacionados à “intolerância”. Dentro da perspectiva esperada pelo pesquisador, os participantes acreditaram ser uma temática muito rica e interessante, mas,

segundo eles, desconfortável para discutir. Mesmo assim decidiram por seguir adiante. Discutimos durante três semanas sobre alguns vídeos que tratavam do tema proposto e de conceitos sociológicos relacionados à sociedade em geral e que também eram corriqueiros no ambiente escolar. Os alunos, em unanimidade, escolheram fazer um vídeo sobre *intolerância religiosa*, por se tratar, segundo eles, de um tema com recorrentes discussões acaloradas e intolerantes na unidade escolar. Decidiram, também, que seria produzido um documentário com entrevistas de alunos do Ensino Médio que se interessassem em falar sobre o tema.

A escolha da intolerância religiosa como temática única teve dois fatores importantes: o primeiro, pela falta de tempo para realizar curtas-metragens que abrangessem todas as discussões acerca do tema, e o segundo, porque era um tema que estava constantemente sendo veiculado na mídia. Nas palavras de um dos estudantes:

A intolerância religiosa está em toda parte, até mesmo nas escolas e em muitas igrejas! E foi por isso que eu e meus colegas decidimos nos focar nesse assunto que muitas vezes é polêmico e que muita gente não conhece muito aprofundado. Queremos mostrar para todos que não há necessidade de discussão, de intolerância, de brigas por causa da sua religiosidade, cada um tem sua opinião e todos creem (*sic*) em algo, até mesmo os ateus. A questão é respeitar a todos mesmo que a opinião e religiosidade não sejam iguais! (Estudante 01 - participante da oficina Curta na Escola).

Na visão do pesquisador, é possível concluir que, se explorado com metodologia adequada e aplicada à realidade dos alunos, o audiovisual pode ser uma importante ferramenta para a prática pedagógica. E pode-se dizer que na visão dos alunos que se propuseram a participar do trabalho, a prática também tenha superado as expectativas:

Pois bem! Sinceramente, no começo do projeto, quando já decidido o tema que iríamos estudar, eu achava que sabia de muita coisa e agora vejo que realmente eu não sabia de nada, porém vi que é um tema não muito fácil, mas muito interessante! Durante os debates eu costumava treinar o meu olhar tendo em vista, tentar entender o que cada um ali pensava ou o que falavam e queria falar. Sempre quando o encontro do curta acaba, e eu saio da escola, já vejo muitas diferenças no ambiente onde ando! Sem dúvidas o projeto “renovou” meu olhar perante as pessoas e até mesmo os objetos, acredito que melhorei e sim, fiquei mais observador!. (Estudante 02 - participante da oficina Curta na Escola).

A produção do curta-metragem teve um sentido muito pequeno, perto do que os alunos se descobriram fazendo. Discutiram conceitos sociológicos e de produção cinematográfica se divertindo, segundo relataram. Entenderam os gêneros do cinema, filmagem, edição e produção; também a tolerância, a indústria cultural e os meios de comunicação; além de repensarem o lugar de cada um deles na escola e no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras teóricas utilizadas possibilitaram uma base ampla para desenvolver este trabalho no âmbito da compreensão e do direcionamento de um olhar crítico e técnico sobre as imagens, principalmente as fílmicas em curta-metragem. Dessa maneira, trabalhando com recursos audiovisuais que propunham temáticas interdisciplinares, foi possível aos jovens compreender, de uma maneira simples, a leitura de imagens, a linguagem cinematográfica, o processo de produção de um curta-metragem, além de possibilitar a construção de argumentos e propostas de intervenção na realidade escolar.

Destaca-se a necessidade de caminhar em busca de práticas pedagógicas que auxiliem os estudantes da “geração visual” a desenvolverem as habilidades e competências cabíveis à disciplina de Sociologia. Diante de uma sociedade cada vez mais imagética e virtual, a busca de integrar imagens, temas sociológicos e realidade escolar. O presente trabalho demonstrou àqueles que integram as instituições escolares que a utilização do audiovisual em sala de aula é uma forma de envolver os educandos e extrair deles a curiosidade e desenvolvimento pedagógico que os docentes procuram. A inserção gradual das imagens, como aplicada metodologicamente durante a pesquisa, revelou uma possibilidade de aplicação de recursos audiovisuais capaz de fomentar o interesse dos jovens por temas propostos e, como externaram durante as reuniões: uma mudança de olhar sobre a realidade e sobre o ambiente escolar que fazem parte.

Considerando que o conhecimento, no seu amplo sentido, é capaz de transformar a realidade sociocultural dos indivíduos, é possível acreditar que o estímulo que nossos jovens necessitam para desenvolver suas potencialidades seja entendê-lo de maneira plena e abrangente, dialogando com as suas vontades, necessidades e interpretações existenciais. E para isso, além do domínio sobre o conteúdo da disciplina que o professor leciona, é imprescindível que ele adentre no universo dos alunos e compreenda a melhor maneira de progredir. É necessário, também, que essas experiências sejam compartilhadas e difundidas para que os maiores interessados, nossos jovens, sejam contemplados com modelos mais interessantes, dinâmicos e condizentes com suas realidades.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 548-559, maio-agosto/2011.

Ciências Humanas e suas Tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo, Brasiliense, 2013.

MARTINS, Ana Lucia Lucas. **Cinema e Ensino de Sociologia: usos de filmes em sala de aula**. In: XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. 2007.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MILLS, Wright C. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SORLIN, Pierre. **Sociologia del cine: La apertura para La historia de mañana**. Fondo de cultura econômica, México, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SITES ACESSADOS

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. visualizado em 23/08/2015.

<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/item/5940-guia-pnld-2015> acessado em 10/12/2014.